

UMA POESIA DE EXPORTAÇÃO: PAU-BRASIL NA ITÁLIA

GUIA M. BONI*

RESUMO

O poeta italiano Giuseppe Ungaretti viveu, entre 1937 e 1942, em São Paulo, dando aulas de Literatura Italiana na recém-criada Universidade de São Paulo. Não conseguindo escrever versos próprios dedicou-se furiosamente à tradução. De volta a Itália, começou a publicar as traduções por ele realizadas de poetas brasileiros, fossem eles pertencentes à tradição ou aos seus contemporâneos. Entre estes, traduziu e publicou *Pau-Brasil*, de Oswald de Andrade. Neste artigo, tentamos compreender quais foram as afinidades eletivas que uniram os dois poetas, aparentemente tão distantes, e descrever a atitude adotada por Ungaretti para enfrentar a tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Oswald de Andrade. Giuseppe Ungaretti. *Pau-Brasil*. Tradução. Itália.

Junto com os versos – “A poesia é poesia quando guarda em si um segredo”¹ –, o poeta italiano Giuseppe Ungaretti cultivou desde a juventude a tradução de várias línguas: francês, inglês, espanhol e português, entre outras (UNGARETTI, 2010)². A língua e a literatura brasileiras entraram na sua vida aquando da sua estadia em São Paulo, entre 1937 e 1942, em consequência do convite da recém-nascida Universidade de São Paulo (USP) que lhe confiou a cátedra de Literatura Italiana.

Durante essa permanência, por sua admissão, ele praticamente não conseguiu escrever:

* Ensina Língua e Tradução Portuguesa junto de Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”, Nápoles, Itália, gboni@unior.it; <https://orcid.org/0000-0003-4343-6579>.

¹ “La poesia è poesia quando porta in sé un segreto”, entrevista a Giuseppe Ungaretti. Disponível em: <https://youtu.be/qPxrFZJXEq4> Acesso em: 29 maio 2022.

² As suas traduções foram recolhidas num volume de 1.623 páginas.

No Brasil sou professor, dou aulas e estudo principalmente os autores italianos. Estudo Dante, estudo Manzoni, outros escritores italianos [...] e não consigo fazer poesia. [...] Então, comecei a traduzir (quer dizer, quando não consigo fazer poesia, para continuar a fazê-la, eu traduzo, aprendo e renovo-me).³ (UNGARETTI, 2000, p. LXXXV-LXXXVI, tradução nossa)

Nos últimos três verbos – “traduzo, aprendo e renovo-me” – está condensada a relação que o poeta manteve com a prática da tradução durante a vida inteira. A tradução é para ele ao mesmo tempo desafio linguístico, homenagem poética e recuperação das energias. Por isso as suas traduções, como os seus versos, são submetidos a um trabalho contínuo de revisão, a um *labor limae* constante e ávido de aprimoramento. Para quem queira se tornar tradutor, elas são um modelo de humildade e respeito, onde o poeta nunca prevalece sobre o poeta, seja ele um clássico como Shakespeare, Racine ou Góngora, ou um contemporâneo (a quem chamava ele de “Compagnons de route”) como Henri Michaux ou Murilo Mendes.

Contudo, com *Pau-Brasil* de Oswald de Andrade (1925), Ungaretti adota outro processo: os versos subversivos, inocentes e ao mesmo tempo provocatórios e perturbadores de Oswald exigem uma receita diferente com uma pitada de invenção. Tanto mais que a tradução realizada por Ungaretti foi entre as primeiras, se não a primeira, a ser editada fora do Brasil, cumprindo o propósito que Oswald apresentara no homónimo *Manifesto*: “Poesia Pau-Brasil, de exportação”. Além disso, ao poeta italiano cabia resolver um problema não secundário: como fazer com que o público italiano (que nos anos 50 do século passado pouco conhecia o Brasil, a não ser pelo elevado número de emigrantes ali presentes entre finais do século XIX e inícios do século XX) apreciasse *Pau-Brasil*?

Já o teste realizado por Oswald em pátria fora bastante atómico: reescrever a história do Brasil, condensando as crónicas canónicas em

³ “In Brasile faccio il professore, e insegno, e mi occupo soprattutto di studiare gli autori italiani. Studio Dante, studio Manzoni, altri scrittori italiani [...] e non riesco a far poesia. [...] Allora, per provare, mi sono messo a tradurre (quando non riesco a fare poesia, insomma, per farne comunque, io traduco, e imparo, e mi rinnovo).”

verso, a começar por Pero Vaz de Caminha e a sua carta ao rei D. Manuel, datada de 1500; continuando com Pero de Magalhães Gândavo, autor do *Tratado da História do Brasil* e do *Tratado da terra do Brasil*, depois reunidos num único volume: a *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (1576), passando pelo missionário francês Claude d'Abbeville que participou do projeto da *France équinoxiale*, em São Luís do Maranhão, e escreveu *Histoire de la mission des pères Capucins en l'Isle de Maragnan et des terres circonvoisines*, em 1614, e pelo franciscano Frei Vicente do Salvador, o primeiro brasileiro do volume, nascido em Matuim e autor da *História do Brasil* (1627), obra que lhe proporcionou o epíteto de Heródoto brasileiro. Em seguida, a narração poética acelera ainda mais: quatro outros autores com apenas um texto cada um. O primeiro é uma carta a Bernardo Vieira Ravasco, secretário de Estado, a 20 de julho de 1664, escrita pelo famoso bandeirante Fernão Dias Paes, conhecido como “o Caçador de Esmeraldas”. Depois é a vez de Frei Manoel Calado, que viveu quase 30 anos no Brasil, entre a Bahia e o Pernambuco, e que narrou a guerra contra os neerlandeses no seu *O Valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade na Restauração de Pernambuco* (1648). Um português, indicado apenas com as iniciais é J.M.P.S, que escreveu um folheto de 32 páginas intitulado *As Regras Gerais do Sr. J.M.P.S. da cidade do Porto*. Era provavelmente um negociante português que viajou para o Brasil e deixou opiniões não positivas sobre o país visitado. O último é o príncipe D. Pedro, com uma carta escrita ao patriarca José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1822, pouco antes da Independência do Brasil⁴.

Resumindo, a história do Brasil colônia que nos é apresentada por Oswald de Andrade é contada por oito autores, cujas nacionalidades são: cinco portugueses (Pero Vaz de Caminha, Gândavo, Calado, J.M.P.S e D. Pedro); um francês (Claude d'Abbeville) e dois brasileiros (Frei Vicente do Salvador e Fernão Dias Paes). Já nessa escolha, Oswald demonstra que nos primeiros três séculos a história do Brasil fora caracterizada por uma forma de dependência não só política, mas cultural como confirmado

⁴ Para os originais destes dois últimos textos, veja-se MANFIO, 1990, p. 43-51.

também pelo número de textos. Sobre um total de 23 poemas, cinco são da autoria de Frei Vicente do Salvador e Fernão Dias Paes, enquanto aos outros autores cabem 18 textos. Dependência que na segunda década do século XX continuava a “acanhado” a mentalidade brasileira e contra a qual se insurgia *Pau-Brasil*.

A razão pela qual Oswald escolheu aqueles textos e não outros é um desafio que aceitamos, cientes de que a nossa proposta não passa de mera hipótese. Ao lermos os textos paralelamente ao *Manifesto Pau Brasil* (publicado no *Correio da Manhã* a 18 de março de 1924) e ao prefácio “falação” que abre o volume *Pau Brasil*, encontramos mais de uma sugestão. Desde o princípio o “azul é cabralino” (Pero Vaz de Caminha viajava na frota chefiada por Álvares Cabral) ou a “história bandeirante e a história comercial” (José Dias Paes e J. M.P.S) e há o império “Eruditamos tudo” (D. Pedro ainda príncipe, mas prestes a se tornar imperador); a “riqueza vegetal” (apresentada por Gândavo) e muito mais. Por outras palavras, com aquelas obras Oswald escolheu a pedra de toque da história, uma história talvez de importação, mas mesmo assim a tradicional história nacional que precisava de uma releitura imprevista: “Contra a cópia, a invenção e a surpresa”.

Ainda umas palavras para esclarecer o método adotado por Oswald de Andrade e que pode ser resumido, como escrevia Haroldo de Campos, na palavra “montagem”, uma técnica “que fazia apelo ao nível de compreensão crítica do leitor, que está implícito no procedimento básico da sintaxe oswaldiana – a técnica da montagem” (CAMPOS, 1974, p. 21). O poeta modernista apropria-se do material fornecido pelos vários cronistas, desmonta-o e depois volta a montá-lo.

A sua única intervenção são os títulos omnipresentes e parte integrante do texto (como também acontece com Ungaretti), apresentados em itálico e que oferecem a chave de leitura, o desafio ao leitor implícito.

O autor pode escolher um texto e deixá-lo praticamente inalterado, como acontece com o primeiro trecho de Gândavo (2008, p. 29). Não sabendo qual foi a edição usada não podemos inferir se as alterações linguísticas são suas ou dependem do texto.

Prólogo ao leitor

porque a mesma terra he tal, e tam
favoravel aos que a vão buscar, que a
todos agazalha e convida

hospedagem

Porque a mesma terra he tal
E tam favorável aos que vam buscar
Que a todos agazalha e convida

Temos a introdução da letra maiúscula em princípio de cada verso e, como é óbvio, a criação do verso, mergulhado no vazio e no silêncio da folha.

Pelo contrário, o autor pode recortar o texto, tirando elementos e recompondo os outros, como acontece com o primeiro poema apresentado, desta vez da autoria de Pero Vaz de Caminha:

a descoberta

E assim **seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até** que, terça-feira das **Oitavas de Páscoa**, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, **topamos aves** a que chamam fura-buxos. Neste dia, a horas de véspera, **houvemos vista de terra!** (p. 1, grifo nosso)

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava de Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

Aqui, ao lado das maiúsculas e do *découpage* da prosa original, temos como únicas alterações: “oitava” no singular, no último verso a conjunção

“E” que não estava presente no original e a falta do ponto de exclamação final.

Oswald escoia, drena a prosa antiga. Ele, como Ungaretti, é poeta da subtração, da concisão. Os dois buscam o essencial, a alma, a franqueza da palavra nua, rarefeita. Como escreve Paola Montefoschi para Ungaretti é uma “[...] maneira de se virar para o passado para despertar os fantasmas, numa ilusão de tempo perdido, e acolher a sua herança, deixando todavia intatas as possibilidades da própria fantasia”⁵ (UNGARETTI, 1984, p. 23, tradução nossa). Essa tenção/tensão comum leva provavelmente o poeta italiano a propor à recém-nascida revista “Pirelli” os poemas *Pau-Brasil* do amigo Oswald de Andrade⁶

Além disso, a poesia de Oswald corresponde a uma das conquistas mais atribuladas de Ungaretti tradutor e poeta: a inocência. “Conheci [no Brasil] de modo novíssimo a relação entre memória e inocência que a minha poesia sempre quis conciliar”⁷ (UNGARETTI, 1984, p. 252, tradução nossa). Naquelas páginas de *Pau-Brasil*, o poeta italiano encontrava ao mesmo tempo memória e inocência: a memória dos textos antigos e a inocência de os reler com “olhos livres”.

As traduções saem nas páginas 14-16 da revista, acompanhadas por três fotografias a preto e branco que retratam seringueiros, com legendas tiradas dos poemas ou neles inspiradas. Não há uma apresentação do autor, mas apenas uma nota de rodapé:

São as crônicas escolhidas por Oswald de Andrade e apresentadas como se fossem um poema seu, num livro intitulado *Pau-Brasil*. Oswald de Andrade é um dos maiores poetas do Brasil atual. É um homem sagaz. O pequeno poema sobre o catusú é meu, mas pode perfeitamente colocar-se entre as velhas crônicas: aquela zona da Amazô-

⁵ “modo di volgersi al passato per suscitarme i fantasmi, in un’illusione di tempo abolito, e di accoglierne l’eredità pur mantenendo intatte le possibilità della propria fantasia”.

⁶ Veja-se UNGARETTI, 1949, p. 14-16.

⁷ “Vi conobbi [no Brasil] in un modo nuovissimo il rapporto fra memoria e innocenza che la mia poesia ha sempre voluto conciliare”.

nia é ainda primitiva – ou pelo menos era até sete ou oito anos atrás quando vivia lá – como todo o Brasil, na época dos descobrimentos. (UNGARETTI, 1984, p. 553, tradução nossa)⁸.

Na edição de 1961, em *O deserto e dopo*, quando já Oswald morrera, a segunda parte da nota muda: “O saudoso Oswald de Andrade permanecerá sempre vivo, sendo um dos maiores poetas brasileiros de hoje. Era um homem sagaz e amigo com uma suavidade de alma única” (UNGARETTI, 1984, p. 553, tradução nossa).

A primeira subversão: uma intrusão, ou seja, a introdução de um poema que não é da autoria de Oswald de Andrade nem é tirado das crônicas, mas que poderia perfeitamente ser colocado, segundo as palavras do poeta italiano, entre eles. Lembramos de passagem que a revista “Pirelli” fora editada pela homónima indústria de pneus e, portanto, o “cahusù”, ou seja, a borracha, fora introduzido provavelmente a pedido do patrocinador. Nas seguintes edições italianas de *Pau-Brasil*, de 1961 e 1969, o poema de Ungaretti foi retirado.

A segunda subversão: Ungaretti não traduz inteiramente a obra, deixa de lado alguns poemas. No total são quatro: “primeiro chá”, de Pero Vaz de Caminha; “cá e lá”, de Claude d’Abbeville; “vício na fala”, de J.M.P.S; e “a carta ao patriarca”, de D. Pedro.

As razões podem ser muitas. Na sua exagerada síntese, “primeiro chá” (“Depois de dançarem / Diogo Dias / Fez o salto real”) torna-se completamente inacessível a um público estrangeiro. Dos poemas de Claude d’Abbeville falaremos em seguida. “vício na fala” – hino à “contribuição milionária de todos os erros” (*Manifesto Pau-Brasil e falação*) – é, sem dúvida,

⁸ “Si tratta di cronache raccolte da Oswald de Andrade e presentate unite come una sua poesia, in un suo libro di poesie che si chiama appunto ‘Pao-Brasil’. Oswald de Andrade è uno dei migliori poeti brasiliani d’oggi. È un uomo arguto. La poesiola sul cahusù, invece è mia, ma può trovare benissimo posto tra le vecchie cronache: quella zona dell’Amazzonia è ancora o almeno era ancora primitiva sette o otto anni fa quando mi trovavo laggiù come tutto il Brasile ai tempi della scoperta (G. U.)”

⁹ “Il rimpianto Oswald de Andrade rimarrà vivo come uno dei migliori poeti brasiliani d’oggi. Era un uomo arguto ed amico d’una delicatezza d’animo unica”.

intraduzível (“Para dizerem milho dizem mio / Para melhor dizem mió / Para pior pió / Para telha dizem teia / Para telhado dizem teiado / E vão fazendo telhado”) mesmo por um poeta que amava os desafios linguísticos, mas que não arriscou a desnaturar a beleza enigmática e fugidia da língua falada.

Na edição da revista Pirelli, talvez por razões de espaço, os quatro poemas acima listados foram substituídos pelo poema do “7º cronista: O TRADUTOR (Giuseppe Ungaretti)”, intitulado “Boschetti di cahusù”, e por um poema de Oswald de Andrade, “Relógio”, tirado de *Cântico dos Cânticos para flauta e violão*, de 1942, do qual foram eliminados os últimos três versos. O título original “Relógio” foi trocado por “Commiato”, ou seja, ‘despedida’.

Nas duas edições posteriores, de 1961 e de 1969, já não aparece Giuseppe Ungaretti como 7º cronista. Ele cede o lugar a Oswald de Andrade, agora incumbido do papel de sétimo cronista com três poemas: os dois primeiros pertencentes a *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* de 1927 (“história pátria” e “brasil”) enquanto o último se mantém “commiato”. Com esta operação de subversão na subversão, o poeta italiano “esticava” a história até 1942, data da sua despedida do Brasil.

Um último comentário relativo à obra do capuchinho Claude d’Abbeville, autor de *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l’Isle de Maragnan et terres circonuoisines ou est traicte des singularitez admirables & des Meurs merueilleuses des Indiens habitans de ce pais avec les missiues et aduis qui ont este enuoyez de nouueau par le R. P Claude d’Abbeville Predicateur Capucin, A Paris de l’Imprimerie de François Huby*, 1614, que escreve em francês e que Oswald reproduz tal e qual na língua original, jogando o trunfo do “estranhamento”. Ungaretti traduz para italiano, perdendo o estranhamento linguístico, tanto mais importante porque o francês, na Itália daquela altura como no Brasil, se apresentava há séculos como língua da cultura. Do capuchinho, elimina também o terceiro poema “cá e lá”, talvez por razões de espaço.

Como interpretar estas intrusões? No que diz respeito à edição de 1949, dissemos que provavelmente o poema de Ungaretti foi acrescentado

para ir ao encontro das exigências da revista. Quanto às duas outras edições o acréscimo dum sétimo cronista, Oswald de Andrade, é, sem dúvida, uma homenagem ao poeta brasileiro, falecido entretanto. Lembramos que o público italiano não tinha as ferramentas para compreender o jogo efetuado pelo poeta brasileiro a partir dos textos originais. Colocando na conclusão os três poemas de Oswald, provavelmente Ungaretti tentava devolver ao amigo a posição que merecia. Além disso, os dois primeiros poemas (“história pátria” e “brasil”) cabem perfeitamente na reconstrução histórica de *Pau-Brasil*.

Se nesta ocasião, Ungaretti demonstra uma rara ousadia estrutural, tirando textos, acrescentando poemas, ou seja, ajustando o seu rigor habitual à “poesia Pau-Brasil, ágil e cândida, como uma criança” (*falação*), quando se trata de tradução, o poeta italiano volta aos parâmetros que caracterizam o seu ofício de tradutor: respeito e homenagem. Não podendo, por razões de espaço, nos deter sobre todos os poemas, oferecemos um discurso mais abrangente. Ungaretti tenta não se afastar do que ele chama substância verbal, isto é, a matéria fónica. Como escrevia no prefácio às suas traduções de William Blake: “A poesia é poesia somente se, ouvindo-a, sentimo-nos de imediato tocados por ela, sem imaginar ainda que a podemos explicar”.¹⁰ (UNGARETTI, 2010, p. 613, tradução nossa). O som antes do significado: “de la musique avant toute chose”¹¹ sob o signo de Verlaine. Ungaretti muda o mínimo indispensável, mas quando muda é em nome da matéria fónica, como se pode ver, por exemplo, no primeiro verso do primeiro poema de Gândavo:

hospedagem

Porque a mesma terra he tal
E tam favorável aos que vam buscar
Que a todos agazalha e convida

OSPITALITÀ

Perché tale è la terra stessa
E tanto favorevole a chi la cerca
Tutti alberga e invita

¹⁰ “La poesia è però poesia solo se uno udendola, da essa subito si senta colpito dentro, senza immaginare ancora di potersela spiegare”.

¹¹ “Música antes de mais nada”, in Paul Verlaine, “Art poétique”, 1884.

As únicas intervenções estão ligadas à eufonia, antecipando “tale”, ele preserva a assonância do ‘e’ e do ‘a’ – “a mesma terra he tal” e “è la terra stessa” – dado que “tale”, com as vogais invertidas, travava o verso no fim da linha, quebrando o elã para o segundo verso. Da mesma maneira tira o “che” do terceiro verso, que se tornaria cacofônico com o “chi” do verso anterior. Pequenos ajustes em nome da musicalidade da composição.

No poema “paisagem” de Frei Vicente do Salvador

paisagem

PAESAGGIO

Cultivam-se palmares de cocos grandes
Principalmente à vista do mar

Coltivansi palme di grossi cocchi
Principalmente in vista al mare

Ungaretti usa uma forma enclítica do verbo impessoal e passivo, enquanto em italiano seria mais natural a forma proclítica: “Si coltivano”. A estrutura por ele preferida é atualmente usada unicamente com os verbos *vender* e *alugar* – *vendonsi* e *affittansi* – mas seguido por “in vista al mare”, cria no leitor italiano a imagem de palmeiras que se vendem como apartamentos.

Ungaretti participa da dessacralização da poesia “[...] através do despojamento da ‘aura’ de objeto único que circundava a concepção poética tradicional” (CAMPOS, 1974, p. 23) e alinha-se ao lado de Oswald de Andrade no seu confronto entre indivíduo (o poeta) e sociedade (“País de dores anônimas, de doutores anônimos”, *Manifesto da poesia Pau-Brasil*). Todavia, apesar do seu entusiasmo militante, quando se trata de harmonia da linguagem, de ritmo, de musicalidade, o poeta abdica da própria rebeldia e entrega-se ao verso alheio, sob o signo da métrica que como um metrônomo marca o tempo. Mas a métrica por ele estudada, ensinada, como demonstram os seus apontamentos brasileiros¹², nunca foi uma gaiola, mas uma porta aberta para “acolher a herança, todavia preservando intatas as possibilidades da própria fantasia”.

¹² Veja-se UNGARETTI, 1984, p. 77-104.

A POETRY OF EXPORT: *PAU-BRASIL* IN ITALY

ABSTRACT

The Italian poet Giuseppe Ungaretti lived, between 1937 and 1942, in São Paulo, teaching Italian Literature at the newly created Universidade de São Paulo. Unable to write his own verses, he furiously devoted himself to translation. Back in Italy, he began to publish the translations he made of Brazilian poets, whether they belonged to the tradition or contemporary. Among the latter, he translated and published Oswald de Andrade's *Pau-Brasil*. In our work we will try to understand what were the elective affinities that linked the two poets, apparently so distant, and to describe the attitude adopted by Ungaretti to face the translation.

KEYWORDS: Oswald de Andrade. Giuseppe Ungaretti. Pau-Brasil. Translation. Italy.

UNA POESÍA DE EXPORTACIÓN: *PAU-BRASIL* EN ITALIA

RESÚMEN

El poeta italiano Giuseppe Ungaretti vivió, entre 1937 y 1942, en São Paulo, enseñando Literatura Italiana en la recién creada Universidade de São Paulo. Incapaz de escribir sus propios versos, se dedicó furiosamente a la traducción. De regreso en Italia, comenzó a publicar las traducciones que hizo de los poetas brasileños de la tradición o sus contemporáneos. Entre estos últimos, tradujo y publicó *Pau-Brasil* de Oswald de Andrade. En nuestro trabajo intentaremos comprender cuáles fueron las afinidades electivas que unieron a los dos poetas, aparentemente tan distantes, y describir la actitud adoptada por Ungaretti frente a la traducción.

PALABRAS LLAVE: Oswald de Andrade. Giuseppe Ungaretti. Pau-Brasil. Traducción. Italia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 65-90. (v. 7).

ANDRADE, Oswald de. Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 153-174. (v. 7).

CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: ANDRADE, Oswald de. *Obras completas: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 9-59. (v. 7).

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta do Achamento*. Fundação da Biblioteca Nacional. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/livros_eletronicos/carta.pdf Acesso em: 15 maio 2022.

D'ABBEVILLE, Claude. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonuoisines ou est traicte des singularitez admirables & des Meurs merueilleuses des Indiens habitans de ce pais avec les missiues et aduis qui ont este enuoyez de nouveau par le R. P. Claude d'Abbeuille Predicateur Capucin*. A Paris de l'Imprimerie de François Huby, 1614.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil: história da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2008.

MANFIO, Diléa Zanotto. Poesias reunidas de Oswald de Andrade: estudos para uma edição crítica. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 30, p. 43-51, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27666543> Acesso em: 15 maio 2022.

UNGARETTI, Giuseppe. Vecchio Brasile / Secondo le cronache a cura di Oswald de Andrade/Traduzione e note di Giuseppe Ungaretti. *Rivista Pirelli*, anno II, n. 1, gennaio 1949. Disponível em: https://www.fondazionepirelli.org/archivio-storico/bookreader/publicazioni-e-riviste/RivistaPirelli/1949_1.html#page/14/mode/2up Acesso em: 15 maio 2022.

UNGARETTI, Giuseppe. *Il deserto e dopo*. Milano: Mondadori, 1961.

UNGARETTI, Giuseppe. *Il deserto e dopo*. Mila'no: Mondadori, 1969.

UNGARETTI, Giuseppe. *Invenzione della poesia moderna: Lezioni brasiliane di letteratura (1937-1942)*, a cura di Paola Montefoschi. Roma: Edizioni Scientifiche Italiane, 1984.

UNGARETTI, Giuseppe. *Vita d'un uomo: Viaggi e lezioni*, a cura di Paola Montefoschi. Milano: Mondadori, 2000.

UNGARETTI, Giuseppe. *Vita d'un uomo*. Traduzioni poetiche, a cura di Carlo Ossola e Giulia Radin. Milano: Mondadori, 2010.

Submetido em 30 de maio de 2022

Aceito em 29 de julho de 2022

Publicado em 25 de setembro de 2022
